

# SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES



## SITRA COMUNICADO



### AOS TRABALHADORES DO SECTOR PRIVADO DE PASSAGEIROS



O que aconteceu no passado dia 5 de Março à mesa de negociações com a Antrop foi algo a que desde o 25 de Abril não se assistia.

Era a primeira reunião (protocolar) que normalmente se destina a programar o calendário e os locais das reuniões seguintes.

Aos velhos argumentos da contenção salarial, da perda de passageiros, da concorrência desleal, do aumento dos combustíveis, da diminuição de receitas, etc. já esperávamos que a Antrop acrescentasse, este ano, o da crise financeira e o da variação negativa da inflação em 2009.

No entanto, cumprida esta “formalidade” era de se esperar uma contraproposta por parte da Antrop que, mesmo não atendendo a alterações do clausulado geral contemplasse, pelo menos, um acréscimo salarial para o ano de 2010.

Até porque, nos anos anteriores, os aumentos que se verificaram não foram de molde a permitir qualquer recuperação do poder de compra perdido e, **empresas houve, que nem o aumento recomendado fizeram.**

**Mas, de forma inédita e sobretudo injusta, tendo em conta os parcos salários dos trabalhadores do sector, a Antrop encerrou logo nesta primeira reunião o processo de negociações, sem apresentar qualquer tipo de proposta salarial.**

O argumento de que no ano de 2009 a inflação foi negativa e que, por essa via, houve um ganho real dos salários dos trabalhadores, não deixa de ser matematicamente correcto. Todavia, não se aplica neste caso tendo em conta que, no ano passado, os acréscimos salariais foram (em regra) de 2,9 % e, **neste sector, se quedaram pelos 1,2 %. E mesmo assim nem todas as empresas procederam a esta actualização.**

De forma lamentável e seguidista, os patrões do sector aproveitam os efeitos da crise e o exemplo do Governo para com a função pública, para fazerem uma pressão brutal no sentido de congelarem os salários.

Por parte do SITRA iremos combater, por todos os meios ao nosso alcance, esta tentativa de “aumento zero”.

Os trabalhadores não podem ser os eternos sacrificados e, muito menos, pagarem por uma crise para a qual em nada contribuíram.